



FAIXA DE GAZA

Israel quer controle total, mas sem governar

Benjamin Netanyahu revela a intenção de ocupar o território palestino, derrotar o Hamas, libertar os 22 reféns e transferir o governo do enclave para árabes. Movimento fundamentalista acusa o primeiro-ministro de sacrificar os sequestrados

» RODRIGO CRAVEIRO

A pesar da discordância do general Eyal Zamir, chefe do Estado-Maior de Israel, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu está determinado em levar adiante o plano de ocupar totalmente a Faixa de Gaza. “Nós queremos encerrar a guerra muito em breve. Ela terminará rapidamente. Se o Hamas render-se, depor armas e libertar os reféns, ela estará acabada amanhã. Até os palestinos em Gaza estão lutando contra o Hamas”, declarou Netanyahu, pouco antes da reunião com o gabinete de segurança que comandou, na noite de ontem, na qual foram discutidos detalhes da estratégia.

O premiê antecipou os principais pontos do plano: as Forças de Defesa de Israel (IDF) conquistarão militarmente o território palestino, cercariam a Cidade de Gaza e removeriam cerca de 1 milhão de moradores para o sul do enclave. Depois de “destruir” o movimento fundamentalista islâmico Hamas e resgatar os 22 reféns, Israel repassaria o controle da Faixa de Gaza a um governo transitório formado por árabes e sem a participação da Autoridade Palestina ou de lideranças do Hamas. “Temos a intenção”, respondeu Netanyahu quando perguntado pela emissora Fox News se Israel tomaria o controle de “toda a Gaza”, um território de 365 quilômetros quadrados, onde vivem cerca de dois milhões de palestinos.

O israelense também descartou o desejo de governar a Faixa de Gaza, como o Estado judeu fez entre 1967 e 2005. “Bem, não queremos mantê-la. Queremos ter um perímetro de segurança. Não queremos governá-la”, declarou Netanyahu. “Queremos entregá-la a forças árabes que governem adequadamente sem nos ameaçar e oferecendo aos habitantes de Gaza uma boa vida. Isso não é possível com o Hamas.”

Risco

Por meio de nota, o Hamas — que governa a Faixa de Gaza — acusou Netanyahu de sacrificar os civis sequestrados durante o massacre de 7 de outubro de 2023. “Os planos de Netanyahu para escalar a agressão confirmam, sem sombra de dúvida, seu desejo de se livrar dos cativos e sacrificá-los em prol de seus interesses pessoais e de sua agenda ideológica extremista”, advertiu a facção. Familiares de reféns protestaram do lado de fora do complexo governamental onde funciona o gabinete de Netanyahu e pediram garantias de segurança. Eles temem pela vida dos sequestrados. Em outra frente, outros integrantes de famílias dos reféns embarcaram no porto de Ashkelon com a intenção de se aproximar “o máximo possível” de seus entes queridos na Faixa de Gaza.

Aaron David Miller, especialista em Oriente Médio do Woodrow Wilson International Center (em Washington), afirmou ao **Correio** que o plano de captura de Gaza representa “riscos consideráveis” para

Jack Gueez/AFP



Foto tirada ao pôr-do-sol a partir da fronteira sul de Israel mostra prédios destruídos por bombardeios na Faixa de Gaza



Sob domínio israelense

O Exército judeu diz que controla uma área de 1 a 6 km de largura no território palestino

“Perímetro de segurança operacional”

Dados do mapa: OSM
Fonte: Exército israelense em 16 de maio (metade norte) e 19 de maio (metade sul)

o premiê israelense. “A tendência é de um aumento nas baixas de Israel. No entanto, o fato é que Netanyahu conta com a aquiescência de Trump. Isso lhe dá uma margem de manobra em Gaza para intensificar a

pressão sobre o Hamas e expandir as operações da Fundação Humanitária de Gaza (GHF)”, explicou. “A questão é saber se Israel conseguirá romper o controle civil do Hamas. O grupo somente detém o domínio

de 25% do território da Faixa de Gaza.”

Para Mustafa Barghouti, secretário-geral da Iniciativa Nacional Palestina e potencial sucessor do presidente Mahmud Abbas, o anúncio de Netanyahu sobre Gaza comprova que o governo israelense “mente sobre vários pontos”. “O objetivo de Israel não era resgatar os reféns, cujas vidas agora estarão em risco. Também não era chegar a nenhum acordo que levasse a um cessar-fogo. Desde o início, a meta de Netanyahu era cometer o genocídio, a fome e a limpeza étnica completa de toda a população da Faixa de Gaza”, disse ao **Correio**. “O objetivo, paralelamente, era anexar e judaizar toda a Cisjordânia e a Faixa de Gaza e continua sendo a eliminação da presença palestina em terras palestinas.”

Morador do enclave palestino, o fotógrafo Abood AbuSalama, 28 anos, relatou ao **Correio** que muitos consideram o plano de Netanyahu um desastre humanitário. “A Cidade de Gaza abriga mais de 1 milhão de pessoas deslocadas internamente, as quais vivem em condições catastróficas. O governo de Israel é acusado de usar o pretexto de ‘eliminar o Hamas’ para justificar as incursões terrestres, que têm resultado em massacres contra civis nas áreas de Shuja’iyya, Khan Yunis e outras”, afirmou.

Segundo AbuSalama, analistas entendem que o Hamas perdeu parte importante de sua infraestrutura militar nos 671 dias de guerra. “No entanto, não se trata de um exército convencional, e isso desperta sérias dúvidas sobre a justificativa para uma campanha militar tão demorada. Há um alarme crescente de que o plano para controlar Gaza possa sinalizar nova fase de atrocidades contra civis, no momento em que o território enfrenta uma catástrofe humanitária sem precedentes.”

Depoimento

Arquivo pessoal



“É um genocídio lento”

“O que está acontecendo em Gaza não é apenas um plano para derrotar o Hamas — seja militar, seja politicamente. Ficou claro que Israel, e especificamente Netanyahu, está caminhando rumo a uma direção muito mais perigosa. Mais de 2,5 milhões de palestinos estão presos em menos de 20% do território de Gaza, vivendo em condições que nem mesmo se pode chamar de vida. Não há comida, nem água, eletricidade ou medicamentos. Pessoas estão literalmente esperando para morrer. Não porque escolhem, mas porque não há outra opção.”

O que estamos testemunhando não é apenas uma batalha contra o Hamas ou a Jihad Islâmica. É claramente uma punição coletiva, uma campanha de pressão sistemática que somente pode ser descrita como um genocídio lento — tudo sob o pretexto de controlar totalmente Gaza. O plano de Netanyahu, com a transferência de governança para ‘entidades árabes’, está semeando preocupação e rejeição entre os palestinos. Muitos alertam que o plano não tem o único objetivo de enfraquecer o Hamas, mas servir como anteparo político para escalar os ataques e aprofundar a destruição e o sofrimento na região.”

Abood AbuSalama, 28 anos, repórter fotográfico, morador da Faixa de Gaza

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Trump se diz disposto a encontro com Putin

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que se reuniria com Vladimir Putin mesmo que o líder russo não se encontrasse antes com o contraparte ucraniano, Volodymyr Zelensky. O republicano prometeu, até agora sem sucesso, pôr fim ao conflito na Ucrânia, desencadeado pela invasão russa em fevereiro de 2022. Ao retornar ao poder em janeiro, ele se aproximou de Putin, mas recentemente reconheceu estar frustrado com a falta de avanços.

O Kremlin confirmou que Putin e Trump se reunirão “nos próximos dias”, mas descartou por enquanto um encontro tripartite, que incluía o Zelensky. O

presidente ucraniano insiste em negociar diretamente com o chefe de Estado russo. Putin disse não ver condições para um encontro presencial com Zelensky. Segundo Moscou, uma reunião desse tipo só faria sentido na fase final das negociações de paz.

Na semana passada, Trump deu à Rússia um prazo até hoje para encerrar as hostilidades, sob pena de enfrentar novas sanções que incluiriam tarifas alfandegárias adicionais sobre produtos exportados por países que comercializam com Moscou. Questionado ontem por jornalistas no Salão Oval sobre se Putin estaria obrigado

a se reunir primeiro com Zelensky, Trump respondeu: “Não, ele não está, não”. “Eles gostariam de se reunir comigo, e farei tudo o que puder para acabar a matança”, acrescentou.

Na véspera, Trump tinha dito que uma reunião presencial com Putin poderia acontecer “muito em breve”, depois que seu enviado, Steve Witkoff, se reuniu com o presidente russo em Moscou. Ao ser perguntado se o prazo final (hoje) para Putin ainda estava de pé após as conversas com Witkoff, Trump evitou responder diretamente. “Dependerá do...”, disse Trump, sem concluir a frase. “Vamos ver o que ele tem a dizer”, acrescentou, dizendo-se “muito decepcionado”.

As três rodadas de conversações diretas entre Moscou e Kiev organizadas até o momento não conseguiram avanços para um cessar-fogo e as partes parecem estar muito distantes do fim do conflito, que começou há mais de três anos.

Olga Maltseva/AFP



Bonecas Matryoshka com os rostos de Trump e Putin vendidas em São Petersburgo